

Ecojornalismo e Educação Ambiental: a experiência de implantação da Disciplina de Jornalismo Ambiental na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS

Ilza Maria Tourinho Girardi

RESUMO

Relação do ecojornalismo com a educação ambiental tendo como pano de fundo o relato da experiência da implantação da Disciplina Jornalismo Ambiental na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O referencial teórico-metodológico foi construído a partir da articulação das idéias de Paulo Freire, Edgar Morin, Fritjof Capra, Leonardo Boff, Maturana, José Lutzenberger e Victor Bacchetta de forma a dar sustentação ao trabalho desenvolvido na Disciplina. Os resultados positivos podem ser constatados pelo aprimoramento da consciência crítica dos estudantes em relação à questão ambiental e pelo seu envolvimento na criação e produção da *Revista Oca*, palavra guarani que significa casa.

PALAVRAS-CHAVE: Ecojornalismo. Jornalismo Ambiental. Educação Ambiental. Sustentabilidade.

1 INTRODUÇÃO

Este texto tem como proposta demonstrar a dimensão educativa do ecojornalismo a partir do relato da experiência da implantação da Disciplina Jornalismo Ambiental no Curso de Comunicação da Faculdade de

Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O relato será permeado pelas idéias de alguns dos autores que contribuíram para a construção do referencial teórico-metodológico que embasou o seu desenvolvimento. No final aponta alguns resultados indicadores de uma avaliação positiva do processo. Como se refere a um relato de experiência, será intencionalmente redigido na primeira pessoa do singular com o intuito de aproximar o(a) leitor(a) da narrativa.

2 MILITÂNCIA E JORNALISMO

Estou envolvida com a questão ambiental há mais de 20 anos como sócia da Cooperativa Ecológica Coolméia, de Porto Alegre, que é uma instituição que tem por princípios básicos a difusão do ecologismo, naturismo e cooperativismo. Seu quadro de associados é composto por consumidores e agricultores ecológicos e trabalhadores, estes últimos com a função de viabilizar a chegada do produto ecológico ou orgânico nas mãos do consumidor. Juntos constituem uma rede que pratica o consumo ético. Esta instituição é responsável pela expansão da agricultura orgânica no Rio Grande do Sul e entre suas muitas atividades destacam-se a campanha permanente para a não liberação dos produtos transgênicos no Brasil, o resgate e preservação da biodiversidade e a valorização da diversidade cultural.

Em 1990, participei com um grupo de jornalistas da criação do Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul. Este núcleo foi criado com o objetivo de preparar jornalistas para fazerem a cobertura qualificada da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro em 1992. Desde então tem promovido cursos, participado de eventos, editado publicações dirigidas especialmente a jornalistas e estudantes de jornalismo. Uma vez por mês promove um evento chamado Terça Ecológica, no qual são convidados especialistas para falar sobre um tema polêmico da atualidade e que segundo nossa visão não tem sido tratado corretamente pela imprensa. Assim temos abordado temas como: transgênicos, detergentes, plásticos e outros poluentes persistentes e a produção de estrogênios sintéticos, antenas de telefones celulares, biotecnologia e biodiversidade, agricultura ecológica e biotecnologia, água, entre tantos outros.

Estou fazendo esta introdução para deixar bem claro de onde estou falando: sou uma jornalista, professora de jornalismo e também uma ecologista. Destaco essa militância como marca importante na minha trajetória como cidadã e também como fundamental na minha constituição como professora e pesquisadora, o que me permitiu trazer para a universidade, que oferece esse espaço, esse outro olhar no trato do jornalismo ambiental. Nesse contexto

merece ser lembrado que quase todos os cursos e eventos organizados ou apoiados pelo Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul contaram com a participação ou apoio da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

3 ECOJORNALISMO E SUSTENTABILIDADE

Por ter a clareza sobre a necessidade de preparar os jornalistas e os estudantes de jornalismo para realizarem a cobertura de temas ambientais e aprenderem a perceber que tudo está relacionado e se darem conta que existem “conexões ocultas”, como diria Fritjof Capra (2002), tenho nos últimos anos me propus criar a Disciplina Jornalismo Ambiental na FABICO. Assim quando fui informada que a Comissão de Graduação do Curso de Comunicação havia finalmente criado a Disciplina Jornalismo Ambiental fiquei muito feliz, mas também frustrada porque ela somente seria oferecida oficialmente no primeiro semestre de 2004. E a minha maior preocupação era poder atender aos estudantes que estão em maior número, mais que em outras épocas, interessados na questão ambiental. Mas, em seguida uma solução foi encontrada: dois estudantes, meus bolsistas de iniciação científica, que se comprometeram reunir um grupo de colegas dos semestres iniciais interessados em jornalismo ambiental, sugeriram-me de começar a trabalhar com jornalismo ambiental dentro de outra Disciplina. E isto foi feito: ofereci uma Disciplina denominada Laboratório de Pesquisa, para no seu espaço realizar a experiência sonhada.

Na realidade, a Disciplina funcionou como um laboratório pela sua proposta teórico-metodológica, porque um de seus objetivos é o desenvolvimento da percepção ambiental dos estudantes, para que como cidadãos e futuros profissionais possam trabalhar com a questão ambiental a partir de um outro olhar. Assim nosso semestre foi marcado pela mescla de estudos teóricos, através de aulas expositivas, palestras e muitas leituras seguidas de reflexões em classe, sessões de vídeo também seguidas de reflexões, com atividades vivenciais e uma saída de campo.

A proposta tem por objetivo sensibilizar os estudantes para a dimensão educativa do jornalismo ambiental e sua missão na construção da cidadania. Não precisaríamos falar em jornalismo ambiental, mas somente em jornalismo, porque “[. . .] falar em jornalismo é falar em vigilância do poder e, ao mesmo tempo, em prestação de informações relevantes para o público, segundo os direitos e necessidades do público (não do governo).” (BUCCI, 2000, p. 18).

Entretanto, precisamos hoje falar em jornalismo ambiental para demarcar um campo que necessita de nossa atenção, porque nossas ações, como seres humanos, especialmente a partir da Segunda Guerra Mundial, têm de forma acelerada comprometido a qualidade de vida no Planeta, com destruição de ecossistemas e extinção de muitas espécies. O modelo de desenvolvimento adotado a partir da Segunda Guerra Mundial provocou o desequilíbrio ecológico, com todas as suas facetas, desde os problemas oriundos da emissão de gases tóxicos, aquecimento do planeta, qualidade da água, perda da saúde e, principalmente, o estado de miserabilidade de muitas populações que não têm acesso às condições mínimas de sobrevivência para ter uma vida digna.

Apesar deste quadro, vemos a imprensa, atrelar a cobertura ambiental à ocorrência de catástrofes, sem, mesmo neste caso, analisar as ocorrências fazendo as devidas conexões. De acordo com o jornalista uruguaio, Víctor Bacchetta o jornalismo ambiental deve mostrar a interdependência dos mais diversos campos, deve elucidar que “[. . .] a extinção de espécies ou fontes renováveis de energia, por exemplo, estão relacionadas com outros aspectos, como a política, a cultura e a economia. Sua complexidade não permite reduzir-lo a análises e descrições simplistas.” (BACCETTA, 2000, p.18).

Por essas razões, os jornalistas envolvidos com a causa ambiental sempre insistiram na importância de qualificar o profissional que atua na área e iniciar esta qualificação a partir dos estudantes de jornalismo, na perspectiva de que esses poderão passar a ter uma outra sensibilidade a respeito das questões ecológicas.

Vale lembrar que os participantes do I Fórum Interamericano de Jornalismo Ambiental¹, e do Congresso da Federação Nacional dos Jornalistas², recomendaram a formação em jornalismo ambiental, quer em cursos de graduação ou de pós-graduação, bem como de extensão universitária. A defesa da criação da Disciplina de jornalismo ambiental foi efetuada por mim, também em nome do Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul, no Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, realizado em Porto Alegre, em 2002. Todas essas iniciativas demonstram que a categoria está consciente que o jornalismo tem um importante papel a cumprir no processo de educação ambiental para que as pessoas incluam o meio ambiente em suas vidas, sintam-se parte dele e passem a agir tendo como base a ética do cuidado.

¹ GIRARDI, Ilza M. T. Experiência Ambiental em Jornalismo Ambiental. 2000. Trabalho apresentado no I FÓRUM INTERAMERICANO DE JORNALISMO AMBIENTAL. Centro de Eventos da PUCRS, Porto Alegre, 2000.

² GIRARDI, Ilza M. T. O Jornalismo Ambiental no Currículo dos Cursos de Jornalismo. Trabalho apresentado no 5. FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO NO ENSINO, 2002. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, Porto Alegre, 2002.

Assim, para desenvolver o trabalho nesta Disciplina, inspirada em Paulo Freire (1997), Maturana (2002) e Morin (2001), parti do pressuposto de que o processo de ensino-aprendizagem deve ser prazeroso e que a construção do conhecimento supera o aspecto mental, passando pela emoção e pelo corpo para resultar em mudança de comportamento. E isto é muito mais verdadeiro quando lidamos com a questão ambiental, cujos problemas estão exigindo uma tomada de consciência urgente da humanidade.

Com Paulo Freire (1997, p.11) aprendi que a prática pedagógica deve ser “[. . .] fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando.” Para ele, o educador não deve se preocupar com a transferência de conhecimentos, mas deve criar as condições de sua construção, partindo de uma visão de mundo que contemple a rigorosidade, pesquisa, criticidade, risco, humildade, bom senso, consciência de que somos seres inacabados, alegria, generosidade, disponibilidade e esperança.

Assim, nessa experiência, também seguindo os ensinamentos de Paulo Freire, procurei respeitar as experiências dos estudantes, suas histórias, para eles perceberem que tudo tem história e que aquilo que somos hoje, bem como a repercussão de nossos atos no Planeta tem um passado, que é o reflexo de uma visão de mundo mecanicista que separa a emoção da razão. Também denominada de paradigma cartesiano, esta visão de mundo vai aos poucos abolindo:

[. . .] os mistérios, os encantos, a poesia natural na admiração dos seres, e se começa a construir um grande aparato matemático, ligado à física, à engenharia e depois à química, para mostrar que a Natureza segue leis rígidas, como um mecanismo [. . .] e assim ela pode ser dividida em várias substâncias, sempre físico-químicas, e se inferem leis para imitar, alterar, manipular as várias formas de 'matéria' naquilo que pode servir e enriquecer materialmente o ser humano como *homo faber*. (PELIZZOLI, 2002, p.16).

Mostrando o equívoco desta visão de mundo, manipuladora da vida, que não respeita os ciclos biológicos, Lutzenberger (1976, p.9) nos diz que:

A Natureza não é um aglomerado arbitrário de fatos isolados, arbitrariamente alteráveis ou dispensáveis. Tudo está relacionado com tudo. Assim como numa sinfonia os instrumentos individuais só tem sentido como partes do todo e a grandiosidade do todo é função do perfeito e Disciplinado comportamento de cada uma das partes, os seres vivos em seu fundo abiótico só podem ser compreendidos como partes

integrantes da maravilhosa sinfonia da evolução orgânica, onde cada instrumento, por pequeno, fraco ou insignificante que possa parecer, é essencial e indispensável.

Portanto, nessa primeira experiência procurei proporcionar aos estudantes uma série de informações para que eles começassem a se car conta, como já mencionei, as conexões existentes entre os fatos e também a própria complexidade da vida. Compreensão essencial para um jornalista que percebe a dimensão educativa de sua profissão.

Para Capra (1996, p.231) isto implica em “[. . .] reconectar-se com a teia da vida [. . .]”, que “[. . .] significa, construir, nutrir e educar comunidades sustentáveis, nas quais podemos satisfazer nossas aspirações e nossas necessidades sem diminuir as chances das gerações futuras.” Para nos lançarmos a essa tarefa é necessário estudarmos os ecossistemas e percebermos que são sociedades sustentáveis de plantas, animais e de microorganismos. Mas para entendermos essa dinâmica, precisamos, conforme o mesmo autor aprendermos os princípios básicos da ecologia. Precisamos nos tornar ecoalfabetizados, ou seja é necessário compreender “[. . .] os princípios de organização das comunidades ecológicas (ecossistemas) e usar esses princípios para criar comunidades humanas sustentáveis.” Tais princípios são: interdependência, fluxo cíclico de recursos (ou reciclagem), a cooperação, parceria, flexibilidade, diversidade e sustentabilidade, que é a consequência dos anteriores.

Na mesma perspectiva de Capra (1996), Morin (2001, p.24) destaca que é um imperativo da educação o desenvolvimento da aptidão para contextualizar e globalizar os saberes. Ele se refere a esse processo como “[. . .] pensamento ‘ecologizante’, no sentido em que situa todo acontecimento, informação ou conhecimento em relação de inseparabilidade com seu meio ambiente - cultural, social, econômico, político e, é claro, natural.”

Complementando as contribuições de Morin (2001), Capra (2002), Maturana (2002) e Lutzenberger (1976) o teólogo Leonardo Boff (1999, p.90) nos fala da ética do cuidado que nos conduz à preocupação e responsabilidade com quem amamos. O autor recorda a origem latina da palavra - cura - que é expressada “[. . .] na atitude de cuidado, de desvelo, de preocupação e de inquietação pela pessoa amada ou por um objeto de estimação.” Ele nos lembra, de forma veemente, que “[. . .] atualmente todas as sociedades estão enfermas [. . .]” (BOFF, 1999, p.136), pois:

Produzem má qualidade de vida para todos, seres humanos e demais seres da natureza. E não poderia ser diferente, pois

estão assentadas sobre o modo de ser do trabalho entendido como dominação e exploração da natureza e da força do trabalhador. [...] somos uma espécie que se mostrou capaz de oprimir e massacrar seus próprios irmãos e irmãs da forma mais cruel e sem piedade. Só neste século morreram em guerras, em massacres e em campos de concentração cerca de 200 milhões de pessoas. E ainda degenera e destrói sua base de recursos naturais não renováveis.

Concordo com a avaliação de Boff e também com os caminhos por ele apontados. A formação de valores éticos e o desenvolvimento de uma ética do cuidado são fundamentais para corrigir os rumos seguidos por nossa civilização, que iludida por promessas de felicidade não vacila em destruir a vida e o próprio substrato da sua existência. Cabe à família, aos movimentos sociais, às organizações não-governamentais, à mídia, à escola e à própria universidade trabalhar para formação desses valores.

Tendo por base o que expus até aqui, para mostrar a partir de qual referencial teórico me constituo como professora de jornalismo e cidadã, e tendo a consciência que nosso Planeta Terra merece um cuidado muito especial passo a falar sobre a proposta básica da Disciplina jornalismo ambiental. Tal proposta partiu do questionamento do atual modelo de desenvolvimento e dos valores da cultura vigente propondo o fazer jornalístico na perspectiva de uma outra cosmovisão, tendo por base valores éticos, o respeito à vida e a compreensão do ser humano como parte integrante da natureza.

O programa foi dividido em duas partes. A primeira contemplou: visões de mundo, modelos de desenvolvimento e natureza; paradigmas científicos, cultura e natureza; paradigma holístico ou ecologia profunda, ecologia social e ecofeminismo; desenvolvimento sustentável e correntes teóricas sobre sustentabilidade; alfabetização ecológica; jornalismo ambiental, ética e cidadania Na segunda parte escolhemos alguns temas prioritários para o jornalismo ambiental como agrotóxicos, biotecnologia, transgênicos, biodiversidade e poluentes persistentes e convidamos especialistas para falarem sobre o assunto. Em futuros semestres poderão ser escolhidos outros temas conforme o interesse e necessidades dos estudantes, tendo em vista seu aprimoramento como futuro profissional.

Para a prática do jornalismo ambiental fomos, inicialmente, visitar uma unidade de conservação do Instituto Brasileiro do Meio-Ambiente (IBAMA), o Parque Nacional dos Aparados da Serra, cujas reportagens e entrevistas produzidas justificaram a criação da revista *Oca*. Para elaborar as matérias os estudantes entrevistaram técnicos, condutores de turismo, o chefe do parque, o prefeito da Cidade de Cambará do Sul, onde está localizado parte do par-

que e um engenheiro florestal, consultor do IBAMA, como representante da gerente do IBAMA no Rio Grande do Sul, com o qual foi feita uma prática de entrevista coletiva.

As pautas foram construídas de forma coletiva antes e depois da visita ao parque, porque novos assuntos surgiram a partir da realidade observada. Com as reportagens os estudantes constataram problemas de falta de controle dos turistas que visitam o parque, que não obedecem as normas para o acesso ao *Local*, roubando plantas, jogando cigarros acesos no chão - o que pode provocar incêndio - ou tomando banho em áreas proibidas, entre outros problemas. Descobriram que a empresa responsável por 85% da economia da região - uma fábrica de celulose - havia sido autuada pelo órgão ambiental do estado por estar jogando efluentes, sem o devido tratamento, no Rio das Antas. Observaram o grave problema das plantações de pinus, espécie exótica que está invadindo o parque e tantas outras áreas do estado. Também entrevistaram pessoas que em outros tempos acampavam no parque e que nutrem um encantamento muito especial pelo lugar. Na realidade é um parque de rara beleza, cujo espaço geográfico com todas as suas características geológicas e de biodiversidade engloba também o Parque Nacional da Serra Geral. Depois veio o trabalho de redação de textos, discussão dos mesmos, revisão, diagramação da revista, paginação, seleção de fotos, elaboração de fotolito da capa, revisão final e acompanhamento da impressão.

Com muita satisfação observei os estudantes falando em visão holística, quebra de paradigmas, transgênicos, pinus, separação de lixo na faculdade e substituindo os copinhos de plástico por canecas de louça ou copos de vidro no diretório acadêmico. Isto mostra que foram tocados pelo Lutzenberger (1976), Capra (2002), Morin (2002) entre os diversos autores que leram e também pelos diversos palestrantes, que se destacaram pelo seu conhecimento e entusiasmo. A primeira aula com a participação da professora de danças sagradas e circulares Cíntia Miro, além de algo inusitado para uma universidade, foi a prova de fogo, pois abriu-nos, através das danças, para a sacralização da natureza/vida e a consciência de que fazemos parte do todo e que o todo está em nós. Na verdade, essa professora por mim convidada para fazer este trabalho de abertura da Disciplina, criou o clima para percepção da teia da vida. E o mais fantástico é que os jovens estudantes não se intimidaram e toparam o desafio, criando-se entre nós o clima de cumplicidade para a realização do trabalho.

Esse semestre também foi muito especial porque permitiu uma outra experiência: a elaboração coletiva da Revista *Oca*, que sem dúvida exigiu a superação do ego para contemplar o coletivo, promovendo o exercício da

parceria e cooperação, importantes princípios da sustentabilidade. É possível afirmar que iniciamos o processo de ecoalfabetização, essencial para quem queira dedicar-se ao ecojornalismo ou jornalismo ambiental e que tem clareza da função educativa do jornalismo.

Essa retrospectiva da primeira experiência demonstra a historicidade de pequenos gestos que podem realmente fazer a diferença na construção de um mundo melhor. A *Oca* é a prova concreta do sucesso da experiência, o que é um indicativo que os jovens estão atentos aos problemas ambientais e têm consciência que este campo requer soluções coletivas e que o jornalismo tem muito a contribuir neste sentido. A própria escolha do nome da revista foi coletiva vencendo o mais votado. O argumento básico para a escolha foi o significado da palavra *Oca*, que em guarani quer dizer casa. Assim, além de prestarmos uma homenagem aos povos indígenas brasileiros, assinalamos que esta é uma revista da casa, feita por pessoas que conhecem a casa - os ecojornalistas, os jornalistas que tratam dos temas de interesse para a sustentabilidade da vida em nossa grande casa, a Terra.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha intenção neste relato foi mostrar que o ecojornalismo tem um importante papel a cumprir no processo de educação ambiental tendo em vista a construção de uma vida sustentável. Para desenvolvê-lo narrei o processo que levou à implantação da Disciplina Jornalismo Ambiental na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, bem como a experiência ocorrida no primeiro semestre de 2003 na Disciplina Laboratório de Pesquisa. A narrativa foi enriquecida com as citações dos autores, cujas idéias foram apropriadas para a construção do referencial teórico-metodológico, que embasou tanto a proposta de criação da Disciplina Jornalismo Ambiental, como a mencionada experiência.

O interesse em pesquisar, compartilhar conhecimentos e a mudança de comportamento dos 22 estudantes matriculados na Disciplina, à medida em que iam recebendo novas informações, foram um indicativo da importância da informação correta para a conscientização a respeito dos diversos problemas que afetam a qualidade de vida. A experiência sinaliza, também, que os estudantes compreenderam que o jornalismo pode desempenhar papel importante no processo de educação ambiental e na transformação das práticas culturais nocivas aos ecossistemas, produzindo informações que contribuam com a construção do conhecimento e tomada de consciência da população a cerca dos problemas ambientais, além de fiscalizar as ações do governo e instituições no sentido de garantir a sustentabilidade da vida.

Ecojournalism an Environmental Education: the experience of the implementation na undergraduated programme in Journalism at Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS

ABSTRACT

This article discusses de relationship between ecological journalism and environmental education having as a background the development of a new course - Ecological Journalism - in the undergraduate programme in Journalism at FABICO/UFRGS. The conceptual and methodological framework for the course was built on the ideas of Paulo Freire, Edgar Morin, Fritjof Capra, Leonardo Boff, Maturana, José Lutzenberger and Victor Bacchetta. Positive results can be seen in the enhancement of students' critical consciousness related to environmental problems, and their engagement in the creation and production of a magazine called *Oca* which means home in Guarani.

KEY WORDS: Ecological Education. Ecological Journalism. Environmental Education Sustainable Development.

REFERÊNCIAS

BACCHETTA, Victor. El periodismo ambiental. In: BACCHETTA, Victor (Org.). **Ciudadania planetária**. Montevideo: IFEJ/FES, 2000. p.18-21.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAPRA, Fritjof. **As Conexões Ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2002.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida**. São Paulo: Cultrix, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LUTZENBERGER, José. **Fim do Futuro? Manifesto Ecológico Brasileiro**. Porto Alegre: Movimento, 1976.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-Feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

PELLIZZOLI, M.L. **Correntes da Ética Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2002.

Ilza Maria Tourinho Girardi

Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo Gráfico e Audiovisual pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Especialista em Sociologia Rural pelo Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas da UFRGS.

Mestre em Comunicação, área de Comunicação Científica e Tecnológica pela Universidade Metodista de São Paulo.

Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP.

Professora no Departamento de Comunicação e Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação da UFRGS.

E-mail: ilza.girardi@ufrgs.br